

Ainda Estou Aqui: Repercussões psicológicas do desaparecimento e da perda ambígua nas relações familiares

I'm Still Here: Psychological Repercussions of Disappearance and Ambiguous Loss in Family Relationships

Aún Estoy Aquí: Repercusiones Psicológicas de la Desaparición y la Pérdida Ambigua en las Relaciones Familiares

Amanda Freitas dos Santos¹, Anna Rosa Machado de Araújo¹, Melissa Neves Garcia², Aline Angélica Pedrosa Campello²

RESUMO

Objetivo: evidenciar as repercussões do desaparecimento no sistema familiar, a partir do filme Ainda Estou Aqui, buscando compreender como essa experiência afeta os vínculos e a organização familiar, com base na teoria da perda ambígua de Pauline Boss e dos preceitos da teoria sistêmica familiar. **Métodos:** Trata-se de um estudo qualitativo que utiliza o filme Ainda Estou Aqui como material de análise, a partir da seleção e interpretação de cenas significativas. A leitura dessas cenas foi orientada pela teoria da perda ambígua, permitindo a articulação entre os elementos narrativos e os conceitos teóricos. Como suporte, foram consultadas produções científicas em bases como SciELO e PubMed, priorizando estudos recentes sobre desaparecimento, família e sofrimento psíquico. **Resultados:** A análise evidenciou que a ausência sem confirmação de morte produz uma condição de ambiguidade que atravessa o funcionamento familiar, mantendo o sujeito simultaneamente presente e ausente. Observou-se a persistência do vínculo com o desaparecido, a redistribuição de funções entre os membros da família e a presença de emoções contraditórias, como esperança e desesperança. **Considerações finais:** O desaparecimento mostrou-se uma experiência que desorganiza o sistema familiar de forma prolongada. Como limitação, destaca-se o caráter interpretativo da análise realizada.

Palavras-chave: Desaparecimento, Dinâmica familiar, Perda ambígua, Invisibilidade institucional.

ABSTRACT

Objective: To highlight the repercussions of disappearance on the family system, based on the film Ainda Estou Aqui, seeking to understand how this experience affects family bonds and organization, grounded in Pauline Boss's theory of ambiguous loss and the principles of family systems theory. **Methods:** This is a qualitative study that uses the film Ainda Estou Aqui as the material of analysis, based on the selection and interpretation of significant scenes. The reading of these scenes was guided by the theory of ambiguous loss, allowing the articulation between narrative elements and theoretical concepts. As support, scientific

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), Recife - PE.

² Docente de Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), Recife - PE.

publications were consulted in databases such as SciELO and PubMed, prioritizing recent studies on disappearance, family, and psychological distress. **Results:** The analysis showed that the absence without confirmation of death produces a condition of ambiguity that permeates family functioning, keeping the individual simultaneously present and absent. It was observed the persistence of the bond with the missing person, the redistribution of roles among family members, and the presence of contradictory emotions, such as hope and despair. **Final considerations:** Disappearance proved to be an experience that disrupts the family system in a prolonged way. As a limitation, the interpretative nature of the analysis is highlighted.

Key words: Disappearance; Family dynamics; Ambiguous loss; Institutional invisibility.

RESUMEN

Objetivo: Evidenciar las repercusiones de la desaparición en el sistema familiar, a partir de la película *Ainda Estou Aqui*, buscando comprender cómo esta experiencia afecta los vínculos y la organización familiar, con base en la teoría de la pérdida ambigua de Pauline Boss y en los preceptos de la teoría sistémica familiar. **Métodos:** Se trata de un estudio cualitativo que utiliza la película *Ainda Estou Aqui* como material de análisis, a partir de la selección e interpretación de escenas significativas. La lectura de estas escenas fue orientada por la teoría de la pérdida ambigua, permitiendo la articulación entre los elementos narrativos y los conceptos teóricos. Como soporte, se consultaron publicaciones científicas en bases como SciELO y PubMed, priorizando estudios recientes sobre desaparición, familia y sufrimiento psíquico. **Resultados:** El análisis evidenció que la ausencia sin confirmación de muerte produce una condición de ambigüedad que atraviesa el funcionamiento familiar, manteniendo al sujeto simultáneamente presente y ausente. Se observó la persistencia del vínculo con la persona desaparecida, la redistribución de funciones entre los miembros de la familia y la presencia de emociones contradictorias, como esperanza y desesperanza. **Consideraciones finales:** La desaparición se mostró como una experiencia que desorganiza el sistema familiar de forma prolongada. Como limitación, se destaca el carácter interpretativo del análisis realizado.

Palabras clave: Desaparición, Dinámica familiar, Pérdida ambigua, Invisibilidad institucional.

INTRODUÇÃO

A terminologia do desaparecimento é amplamente discutida na literatura em razão de sua complexidade, sendo expressa por meio de diferentes tipologias. Compreende-se o desaparecimento como a ausência de um sujeito sem confirmação acerca de seu paradeiro ou destino, o que impossibilita a definição de sua condição e o distingue de outras formas de ruptura, como o falecimento, nas quais há delimitação simbólica do evento (NEUMANN, 2010).

No que se refere ao desaparecimento em contextos de violência, destaca-se o desaparecimento forçado, frequentemente associado a regimes autoritários e à atuação direta ou indireta do Estado. Nesses casos, a privação de liberdade do sujeito é acompanhada da negação de informações e da ocultação de seu destino, configurando uma grave violação de direitos humanos. Essa condição não se limita ao indivíduo desaparecido, produzindo efeitos que se estendem aos seus vínculos e pertencimentos sociais, na medida em que impede o acesso à verdade e dificulta a elaboração da experiência por parte dos familiares (AZEVEDO, COSCRATO, 2021).

Nesse contexto, a ausência de confirmação sobre o destino do sujeito, associada à impossibilidade de elaboração de rituais de despedida, mantém os familiares em uma condição contínua de incerteza. Essa experiência favorece a emergência de ambivalências emocionais persistentes, como esperança, culpa, raiva, medo e desesperança, além de dificultar a reorganização dos vínculos e papéis familiares. A perda ambígua

caracteriza-se pela coexistência entre ausência física e presença psicológica do sujeito desaparecido, produzindo um sofrimento marcado pela suspensão e pela indefinição (BOSS, 2006).

Além disso, a ausência de respostas, a negação por parte do Estado e a escassez de registros oficiais contribuem para a construção de um cenário em que o desaparecimento pode ser progressivamente naturalizado. Análogo a esse cenário, a banalidade do mal, aponta que determinadas formas de violência se sustentam não apenas por sua intensidade, mas por sua repetição e aceitação social. Assim, o desaparecimento configura-se não apenas como evento traumático, mas como prática que favorece processos de acomodação coletiva e dificulta sua elaboração simbólica (ARENDR, 1999).

Em meio a esse cenário, o filme *Ainda Estou Aqui* (SALLES, 2024) evidencia-se como uma importante representação dessas dinâmicas no contexto brasileiro. Baseado na história real de Rubens Paiva, desaparecido durante a ditadura militar, a obra retrata os efeitos do desaparecimento forçado no âmbito familiar, evidenciando não apenas a ausência física do sujeito, mas os impactos prolongados dessa ruptura na organização das relações.

Diante da ausência do indivíduo desaparecido, instaura-se um vazio que não pode ser plenamente preenchido, associado a experiências de medo, impotência e sentimentos ambivalentes, podendo desencadear processos de culpabilização entre os familiares, destaca-se que esse estado tende a produzir sofrimento psíquico persistente (ARAÚJO et. al., 2025).

Análogo a esse cenário, na perspectiva sistêmica, a família pode ser compreendida como um sistema relacional aberto e dinâmico, no qual os indivíduos não são analisados de forma isolada, mas a partir das interações que estabelecem entre si. Os comportamentos e formas de funcionamento emergem dos padrões de comunicação e das dinâmicas construídas no interior do grupo familiar, de modo que qualquer alteração em um de seus membros repercute em todo o conjunto, evidenciando relações de interdependência que organizam o sistema (SILVA; PERCICOTTE, 2024).

A partir dessa compreensão, o indivíduo passa a ser entendido em constante interação com o contexto familiar ao qual pertence, sendo seu comportamento influenciado tanto pelas relações estabelecidas no interior da família quanto pelas mudanças que nela ocorrem (OLIVEIRA MA da S, et al., 2022).

Nesse contexto, a ausência de um de seus integrantes incide diretamente sobre a organização familiar, exigindo adaptações nas formas de relação e nos modos de funcionamento. A retirada de um membro interfere nas posições e funções previamente estabelecidas, desencadeando processos de reorganização que nem sempre se estabilizam de forma imediata e impactando o equilíbrio do sistema familiar (MINUCHIN, 1982).

Assim, os aspectos psicológicos associados a essa condição podem ser compreendidos à luz da teoria da perda ambígua. Nos contextos em que a ausência física se articula à permanência psíquica do outro, fragilizando o processo de elaboração da perda. Nesses casos, o vínculo não se rompe nem se reorganiza plenamente, permanecendo em um estado de suspensão (BOSS, 2006).

Diante dessa dinâmica, a condição de ambiguidade passa a incidir diretamente sobre as relações familiares, dificultando a construção de sentidos compartilhados acerca do desaparecimento. Nesse contexto, essa experiência tende a se expressar no cotidiano por meio do silêncio, da evitação e da dificuldade de abordar o ocorrido. Nesse sentido, a ausência de respostas fragiliza a comunicação entre os membros da família, contribuindo para a manutenção do sofrimento psíquico (LEGRAMANTE YYDS, et al., 2025).

Apesar da relevância do tema, observa-se que ainda são limitadas as análises que articulam as repercussões psicológicas do desaparecimento à dinâmica familiar por meio da análise fílmica, especialmente a partir da teoria da perda ambígua e da teoria sistêmica.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar as repercussões psicológicas do desaparecimento e da perda ambígua nas relações familiares no filme *Ainda Estou Aqui* (SALLES, 2024),

buscando compreender como essa experiência incide sobre a organização dos vínculos e os processos de reorganização familiar.

MÉTODOS

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, de caráter descritivo-interpretativo, compreendendo a realidade a partir da análise de significados, relações e processos sociais (MINAYO, 2014). Como estratégia metodológica, utiliza-se a análise fílmica, entendida como um recurso que possibilita a interpretação de narrativas audiovisuais e seus elementos simbólicos (AUMONT; MARIE, 2004). O filme *Ainda Estou Aqui* (SALLES, 2024) foi selecionado como objeto de estudo em razão de sua relevância na representação do desaparecimento e de suas repercussões nas relações familiares. O percurso investigativo que foi conduzido a partir da seleção intencional de cenas consideradas significativas para os objetivos do estudo, priorizando aquelas que evidenciam os efeitos do desaparecimento, como a manutenção do vínculo com o ausente, a vivência de suspensão e os impasses na reorganização das dinâmicas relacionais.

O filme pode ser compreendido como um objeto estético e discursivo, atravessado por múltiplos níveis de significação que envolvem não apenas a narrativa, mas também sua forma e linguagem (AUMONT; MARIE, 2004). Nesse sentido, a abordagem adotada não se restringe ao conteúdo narrativo, contemplando também os modos de representação, de forma a reconhecer o papel dos elementos cinematográficos na construção de sentidos.

A fundamentação teórico-metodológica foi orientada pela teoria da perda ambígua, proposta por Pauline Boss, que compreende o desaparecimento como uma experiência marcada pela indeterminação e pela suspensão simbólica das relações familiares (BOSS, 1999). Essa perspectiva foi articulada com às contribuições da teoria sistêmica familiar, considerando os impactos do fenômeno na reorganização dos vínculos e dos papéis no contexto familiar (MINUCHIN, 1982).

Para fundamentação teórica, foram consultados estudos publicados entre 2010 e 2025 em bases como SciELO e PubMed, priorizando produções recentes sobre desaparecimento e família.

Por se tratar de análise de obra cinematográfica, sem envolvimento direto com seres humanos, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A CONSTITUIÇÃO DA DINÂMICA FAMILIAR E RELACIONAL DOS PAIVAS

Para compreender a ruptura que se instala posteriormente no filme *Ainda Estou Aqui* (SALLES, 2024), é necessário considerar, antes, a forma como a família Paiva é inicialmente apresentada. A família pode ser entendida como um sistema relacional no qual os sujeitos se constituem por meio de vínculos, papéis e padrões de interação que organizam a vida cotidiana. Nessa perspectiva, o grupo familiar não se reduz a um conjunto de indivíduos, mas corresponde a uma unidade dinâmica, atravessada por regras, funções e trocas afetivas que sustentam a experiência subjetiva de seus membros (MINUCHIN, 1982).

Essa configuração torna-se evidente nas primeiras sequências do filme, nas quais a rotina da família é marcada por proximidade, convivência e circulação afetiva. O espaço doméstico aparece como um ambiente de previsibilidade e continuidade, no qual as crianças transitam com liberdade, indicando a existência de uma base relacional suficientemente estável para sustentar o desenvolvimento emocional. Esse tipo de organização favorece a construção de segurança psíquica, especialmente quando há consistência nas relações e cooperação entre as figuras parentais (OLIVEIRA et al., 2022).

A cena em que a família dança ao som de Take Me Back to Piauí ilustra de forma sensível essa dinâmica. O compartilhamento do momento, marcado por espontaneidade e envolvimento corporal, expressa uma experiência de pertencimento que ultrapassa o evento em si, evidenciando a família como um sistema ativo de trocas e reconhecimento mútuo. Nesse sentido, a música pode ser compreendida como um elemento que favorece a conexão social e o fortalecimento dos vínculos, atuando na construção de experiências compartilhadas entre os sujeitos (SAVAGE et al., 2021). Assim, a presença de Rubens Paiva assume papel central, não apenas como figura de autoridade, mas como referência afetiva e relacional no cotidiano familiar.

A literatura aponta que a participação ativa do pai está associada a maior segurança emocional, melhor regulação comportamental e fortalecimento dos vínculos (TAVARES, 2025). No caso apresentado, a relação entre Eunice e Rubens sugere uma dinâmica cooperativa, na qual responsabilidades e funções são compartilhadas, favorecendo a construção de um ambiente mais previsível e emocionalmente estável para os filhos. Essa organização inicial evidencia um sistema familiar estruturado, cuja coesão torna ainda mais significativa a ruptura que se seguirá, na medida em que a perda de uma referência central impacta diretamente a organização dos vínculos (MINUCHIN, 1982).

O DESAPARECIMENTO DE RUBENS PAIVA COMO PONTO DE RUPTURA NO SISTEMA FAMILIAR

A retirada de Rubens Paiva de sua casa por agentes do Estado, em um contexto marcado pela ditadura militar brasileira, constitui um marco de ruptura na dinâmica familiar, não apenas pelo evento em si, mas pela forma como ele se estabelece no interior das relações. Até então, o filme *Ainda Estou Aqui* constrói uma atmosfera de estabilidade e continuidade, evidenciada na convivência cotidiana entre os membros da família. Essa configuração é abruptamente interrompida pela entrada dos agentes, que alteram não apenas o espaço físico da casa, mas também a organização simbólica das relações (SALLES, 2024).

A estrutura familiar depende da estabilidade dos padrões de interação e da previsibilidade das funções exercidas por seus membros. Quando uma dessas referências é retirada de forma súbita, sem mediação ou possibilidade de compreensão, o sistema tende a sofrer um processo de desorganização (MINUCHIN, 1982). No caso apresentado, a saída de Rubens não se configura como uma separação reconhecível, mas como um evento marcado pela ausência de explicações, o que impede que a família atribua sentido imediato ao ocorrido.

A cena em que Rubens é levado é atravessada por uma lógica de indefinição. A justificativa apresentada pelos agentes é vaga, e a promessa de retorno sustenta uma expectativa que impede a elaboração da ausência. Esse elemento é central, pois a despedida não é vivida na sua concretude. Ao afirmar que voltaria para o jantar, Rubens mantém a situação no campo da continuidade, fazendo com que a família permaneça vinculada à ideia de retorno, mesmo diante de sua retirada. (SALLES, 2024).

Nesse sentido, a perda ambígua caracteriza-se justamente pela impossibilidade de determinar se a ausência é definitiva, o que mantém o sujeito simultaneamente presente e ausente nas relações. Essa condição impede o reconhecimento da perda como concluída, dificultando a reorganização dos vínculos e a construção de novos arranjos familiares (BOSS, 1999). No caso da família Paiva, a ausência de Rubens não se consolida como morte nem como separação, permanecendo em estado de suspensão.

O contexto repressivo da ditadura militar brasileira também se evidencia nas práticas de vigilância, perseguição e violência institucional promovidas por órgãos como o DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna), responsável pela repressão sistemática de opositores do regime (FICO, 2001). No filme *Ainda Estou Aqui*, essa violência ultrapassa a figura de Rubens Paiva e alcança diretamente os demais membros da família, especialmente quando Eunice e uma de suas filhas são conduzidas para interrogatório (aprox. 00:44:00). A cena evidencia a ampliação do medo e da instabilidade emocional, colocando os sujeitos em contato direto com a lógica de intimidação e tortura presente no período ditatorial (SALLES, 2024).

Durante a permanência no local, Eunice entra em contato direto com a realidade brutal dos desaparecimentos em contextos ditatoriais, marcados pela violência, repressão e abuso institucional promovidos pelo Estado. Nesse sentido, não apenas Rubens Paiva se torna vítima dessa estrutura repressiva, mas toda a sua família passa a experienciar os efeitos da violência estatal (SALLES, 2024).

A angústia de Eunice é vislumbrada em suas expressões contidas, carregadas de medo, sofrimento e impotência diante do desaparecimento do marido, da condução forçada de sua filha e de sua própria condição de vulnerabilidade. A cena em que Eunice está presa na cela evidencia como o desaparecimento forçado produz impactos subjetivos e relacionais contínuos nos familiares, especialmente diante da ausência de respostas, violência e da negação institucional acerca do ocorrido (AVELAR; FERRAZ, 2021).

A impossibilidade de ação diante do ocorrido contribui para intensificar o impacto do desaparecimento. Nessa perspectiva, esse fenômeno produz efeitos que ultrapassam a ausência física, ao instaurar uma condição prolongada de incerteza que compromete a organização psíquica e relacional dos familiares. A falta de informações impede a construção de um sentido estável para o evento, fazendo com que a experiência permaneça aberta e continuamente atualizada no cotidiano (NEUMANN, 2010).

Diante dessa situação, a família é impelida a reorganizar suas funções, especialmente no que se refere ao papel exercido por Rubens. No entanto, essa redistribuição não ocorre de forma estruturada, uma vez que a ausência não pode ser plenamente reconhecida. Eunice passa a assumir novas responsabilidades, mas o faz em um contexto de instabilidade, no qual a referência paterna continua simbolicamente presente (SALLES, 2024).

Essa coexistência entre presença e ausência impede a consolidação de novos arranjos familiares, mantendo o sistema em estado de suspensão. Assim, o desaparecimento não se configura como um evento pontual, mas como uma ruptura contínua, que desorganiza o funcionamento familiar e exige constantes tentativas de adaptação diante de uma ausência que não se encerra (BOSS, 2006).

A TEMPORALIDADE DA PERDA NO CONTEXTO DO DESAPARECIMENTO DE RUBENS PAIVA

No contexto do desaparecimento, a experiência da perda, não se organiza de forma linear, uma vez que a ausência do sujeito não pode ser delimitada como definitiva. A permanência do vínculo com a figura paterna, mesmo após sua retirada, impede que o acontecimento seja localizado no passado, fazendo com que ele continue a atravessar o presente da família. Além disso, a perda ambígua compromete a organização temporal da experiência, pois mantém o evento em estado de indefinição, dificultando sua elaboração e impedindo a construção de uma finalização (BOSS, 2006).

Essa dinâmica pode ser observada na cena em que Rubens acompanha Beatriz à praia para enterrar um dente, momento que inicialmente se apresenta como uma experiência simples e projetada para o futuro. Ao orientar a filha e sugerir que o objeto poderia ser reencontrado posteriormente, Rubens sustenta a ideia de continuidade da relação e da vivência compartilhada (SALLES, 2024). No entanto, após seu desaparecimento, esse momento é ressignificado, passando a carregar a marca de uma promessa que não se concretiza. O dente deixa, assim, de representar apenas uma lembrança e passa a operar como um elemento simbólico que condensa a ausência e a interrupção da continuidade (BOSS, 1999).

Posteriormente, quando Eunice encontra o dente e o entrega à filha, o objeto reaparece sob novas condições. Esse retorno produz um tipo de fechamento parcial, mas não implica a resolução da experiência, uma vez que a ausência do pai permanece. A cena evidencia que, embora determinados elementos possam ser retomados, a perda não se organiza de maneira considerável, mantendo-se atravessada por ambivalência. O vínculo com o ausente continua ativo, ainda que modificado, exigindo que a família reformule novas formas de se relacionar e elaborar as experiências do passado (BOSS, 2006).

Além disso, o desaparecimento impõe à família uma dinâmica cotidiana marcada por exigências contínuas, como a necessidade de buscar informações, tomar decisões e assumir responsabilidades anteriormente atribuídas ao sujeito ausente. Essas demandas impedem que o evento seja circunscrito a um momento específico, fazendo com que ele se prolongue no tempo (COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA, 2021). Isto posto, a ausência de respostas contribui para a manutenção do sofrimento, uma vez que mantém os familiares em um estado permanente de implicação com o desaparecimento (CARNEIRO, MARINELLI E PEDRO, 2021).

Essa reorganização temporal torna-se ainda mais evidente na cena em que os filhos tentam identificar quando compreenderam que o pai não retornaria. Isso se explicita na cena (aprox. 01:54:00) em que os filhos mais novos, Beatriz e Marcelo, observam fotografias antigas, no apartamento em São Paulo:

“Beatriz: Quando é que foi que você enterrou ele?”

Marcelo: Como assim?

Beatriz: O dia que você entendeu que ele não ia mais voltar.

Marcelo: Acho que quando eu vi a mamãe doando as roupas dele, mais ou menos um ano e meio depois, e você?

Beatriz: Acho que quando a gente saiu do Rio de Janeiro. Vendo a casa vazia.”

As respostas distintas indicam que a perda não se inscreve psiquicamente em um único momento, mas se constitui progressivamente, a partir das transformações vividas no cotidiano. Nesse sentido, o desaparecimento não se organiza como um evento pontual, mas como uma experiência que se prolonga e se insere continuamente na vida familiar, dificultando a construção de uma narrativa estável sobre o ocorrido (LEGRAMANTE et al., 2025).

Sob essa ótica, de acordo com a teoria sistêmica familiar, a comunicação constitui um elemento estruturante das relações familiares, organizando as interações e influenciando diretamente a forma como os sujeitos atribuem sentido às experiências vividas. Em cenários como esse não apenas o conteúdo das falas, mas também os silêncios, omissões e padrões comunicacionais recorrentes participam da dinâmica do sistema. (SILVA; PERCICOTTE, 2024).

A ELABORAÇÃO DA PERDA E SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO APÓS O DESAPARECIMENTO DE RUBENS PAIVA

Ao longo do filme, a experiência de sofrimento decorrente do desaparecimento não se apresenta de forma contínua ou linear, mas emerge de maneira fragmentada no cotidiano familiar. Essa dinâmica torna-se evidente na cena em que Eunice inicia a leitura de uma carta enviada por Vera. O conteúdo, inicialmente leve, introduz gradualmente elementos que remetem à ausência do pai, provocando uma alteração no clima da interação. No entanto, antes que essa dimensão possa ser sustentada, a leitura é interrompida, evidenciando a dificuldade de expressar essa experiência dolorosa (SALLES, 2024).

Em contextos de desaparecimento, a ausência de respostas fragiliza a construção de sentidos compartilhados, dificultando a elaboração psíquica da perda. Nesse cenário, aquilo que começa a ser nomeado frequentemente é interrompido, desviado ou silenciado, não por ausência de sofrimento, mas pela impossibilidade de organizá-lo de forma estável. A dor, portanto, não deixa de existir, mas passa a se manifestar de forma dispersa, atravessando o cotidiano sem encontrar um espaço consistente de elaboração (CARNEIRO, MARINELLI E PEDRO, 2021).

Essa limitação torna-se ainda mais evidente quando contrastada com a cena da morte do cachorro da família. Diferentemente do desaparecimento de Rubens, essa perda apresenta um corpo, uma confirmação e a possibilidade de realização de um ritual. A reação da família se organiza em torno desse acontecimento, permitindo a construção de um gesto de despedida que delimita a experiência. Os rituais fúnebres desempenham papel fundamental na elaboração do luto, pois possibilitam reconhecer a perda, simbolizá-la e compartilhá-la socialmente (SOUZA E SOUZA, 2019).

No caso do desaparecimento, essa possibilidade não se concretiza. A ausência de um marco definido impede que a experiência seja organizada de forma semelhante, fazendo com que a perda permaneça em aberto. Nesse viés, a perda ambígua se caracteriza justamente pela impossibilidade de desfecho, exigindo dos sujeitos a convivência com a incerteza e a manutenção do vínculo com o ausente. Ademais, a impossibilidade de definir a perda compromete a elaboração do luto, uma vez que impede a construção de uma narrativa estável sobre o ocorrido (BOSS, 1999).

Nessa direção, o que Pauline Boss descreve como o mito do encerramento aponta justamente para o limite dessa expectativa de fechamento, ao indicar que determinadas perdas não permitem uma conclusão, mas exigem a convivência com a ausência e com a indefinição. Além disso, ela estabelece que embora não se deva preencher a ausência do desaparecido de forma a negar o impacto que o seu sumiço tem na vida dos familiares, deve-se elaborar de forma progressivamente o sofrimento a eles atribuído (BOSS, 2006).

Dessa maneira, a dificuldade de elaboração do sofrimento psíquico no contexto familiar pode ser compreendida, ainda, a partir dos processos de silenciamento que atravessam a dinâmica relacional. Diante de experiências marcadas por intenso desgaste emocional, sobrecarga de responsabilidades e fragilização dos vínculos, os familiares tendem a enfrentar limites na expressão e na partilha do sofrimento, recorrendo, muitas vezes, à evitação como forma de manejo da dor. Nessa perspectiva, o sofrimento psíquico deixa de se restringir ao indivíduo e passa a incidir sobre o conjunto das relações, manifestando-se por meio de rupturas na comunicação, tensão contínua e dificuldades de convivência no interior da família (CARVALHO et al., 2021).

A INVISIBILIDADE INSTITUCIONAL NO DESAPARECIMENTO DE RUBENS PAIVA

O desaparecimento de Rubens Paiva não se configura apenas como uma ruptura no âmbito familiar, mas também como uma experiência atravessada pela atuação e análoga à omissão das instituições. No contexto da ditadura militar brasileira, o desaparecimento forçado não pode ser compreendido como um evento isolado, mas como parte de uma lógica sistemática de apagamento, na qual a ausência do sujeito é acompanhada pela negação de sua existência e pela recusa de reconhecimento oficial. Esse tipo de violência se sustenta justamente na impossibilidade de nomear o ocorrido, mantendo o desaparecido fora do campo do reconhecimento social (AVELAR E FERRAZ, 2021).

Essa dinâmica torna-se evidente nas tentativas de Eunice de obter informações sobre o paradeiro do marido. Ao procurar instituições responsáveis, ela se depara com respostas evasivas, negativas e orientações que não produzem qualquer encaminhamento efetivo. A cena em que Eunice se dirige ao pátio do Exército, após reconhecer o carro de Rubens no local, explicita essa lógica: mesmo diante de um indício concreto, a presença do marido é negada, e a responsabilidade é deslocada para outros órgãos. Esse movimento não apenas impede o acesso à informação, como também produz uma sensação contínua de impotência (SALLES, 2024).

A ausência de respostas institucionais em casos de desaparecimento forçado intensifica o sofrimento dos familiares, na medida em que impede a construção de sentido e a elaboração da experiência. A busca por informações deixa de ser um caminho de esclarecimento e passa a se configurar como um percurso marcado por frustração e desamparo, no qual o sujeito é constantemente confrontado com a impossibilidade de saber (AZEVEDO E COSTRATO, 2021).

Essa articulação é evidente quando se considera que, à luz da perspectiva sistêmica, a comunicação no sistema familiar deve ser compreendida em seu contexto ampliado, sendo atravessada por valores, crenças, história e condições sociopolíticas que influenciam os modos de interação entre seus membros (SILVA; PERCICOTTE, 2024).

Esse processo é agravado pelo fato de que, em contextos autoritários, as próprias instituições responsáveis pela proteção dos direitos operam como agentes de silenciamento. A falta de reconhecimento oficial não apenas mantém o desaparecimento em aberto, como também impede que ele seja inscrito como violência legítima. Dessa forma, essa dinâmica contribui para a revitimização dos familiares, uma vez que o sofrimento não se encerra no desaparecimento, mas é reiterado pelas práticas institucionais que negam ou invisibilizam o ocorrido (DUARTE, LUIZ E GLENS, 2021).

A emissão tardia da certidão de óbito evidencia a ambivalência desse processo. Embora represente um reconhecimento formal da morte, ela não apaga os anos de negação que a precederam. Ao contrário, torna visível o intervalo entre a violência sofrida e sua legitimação institucional, evidenciando o tempo prolongado do Estado em reconhecer oficialmente o ocorrido. Nesse sentido, o reconhecimento aparece de forma paradoxal: ao mesmo tempo em que possibilita algum nível de elaboração, também expõe a falha estatal em responder de maneira adequada ao desaparecimento (AVELAR E FERRAZ, 2021).

Em casos como esse a violência pode se manifestar não apenas por meio de atos explícitos, mas também pela normalização de práticas que silenciam, invisibilizam e desresponsabilizam os agentes envolvidos (ARENDDT, 1999). No caso do desaparecimento, essa lógica se expressa na burocratização da ausência, na diluição das responsabilidades e na dificuldade de reconhecimento da violência como tal.

Sob essa perspectiva, nas cenas que antecedem o final do filme (aprox. 01:51:30), Eunice e seus filhos recebem a certidão de óbito de Rubens, após isso, durante uma entrevista à imprensa ela expressa o sofrimento prolongado ocasionado pelo desaparecimento no seu sistema familiar:

“Eunice: É uma sensação esquisita sentir alívio com um atestado de óbito.”

Jornalista: Como vocês fizeram para lidar com o vazio deixado pelo seu marido?

Eunice: A tática do desaparecimento é uma das mais cruéis porque matasse uma pessoa e condena todas as outras. É uma tortura psicológica eterna.

Jornalista: A senhora não acha que passada a redemocratização o estado tem questões mais urgentes do que tentar remediar o passado?

Eunice: Não, eu acho que é preciso indenizar as famílias e fazer o mais importante que é esclarecer e julgar todos os crimes cometidos durante a ditadura, porque se isso não acontecer, nada impede que eles sigam praticados impunemente.”

Dessa forma, a invisibilidade institucional sinalizada por Eunice no diálogo acima não se limita à falta de ação, mas constitui um mecanismo ativo de produção de silenciamento que alimenta a ausência e sensação de impunidade. O desaparecimento, nesse contexto, ultrapassa a dimensão física e se inscreve também no plano simbólico, retirando o sujeito desaparecido do campo do reconhecimento e mantendo seus efeitos ao longo do tempo. Ainda que o reconhecimento venha a ocorrer posteriormente, ele não encerra os efeitos negativos atribuídos ao evento, mas indica o quanto a ausência foi sustentada e prolongada pelas próprias estruturas institucionais (AVELAR; FERRAZ, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos aspectos analisados, observa-se que a dinâmica familiar apresentada no filme *Ainda Estou Aqui* (SALLES, 2024) evidencia a família como um espaço de constituição subjetiva e relacional, sustentado por vínculos afetivos, papéis e formas de organização que, ao longo da narrativa, são progressivamente desestabilizados pelo desaparecimento forçado de Rubens Paiva. Conforme discutido ao longo da análise, especialmente na investigação da ruptura do sistema familiar, da fragilização da comunicação e dos rearranjos afetivos e funcionais, compreende-se que o desaparecimento produz uma condição prolongada de incerteza, marcada pela impossibilidade de elaboração plena da perda, tal como proposto por Boss, impactando não apenas a estrutura familiar, mas também as formas de significação da experiência vivida. Nesse sentido, o filme contribui para a compreensão das repercussões psicossociais do desaparecimento ao evidenciar que seus efeitos se estendem aos que permanecem, atravessados pelo silêncio, pela negação e pela ausência de responsabilização histórica. Contudo, destaca-se como limitação deste estudo o caráter interpretativo da análise, uma vez que se trata de uma leitura construída a partir de uma obra fílmica, não correspondendo diretamente à realidade empírica da família retratada, o que implica reconhecer que os achados aqui apresentados não possuem pretensão de generalização, mas sim de problematização e reflexão crítica acerca de fenômenos sociais e psicológicos mais amplos.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARAÚJO, Eleno Marques de et al. Saúde mental das famílias das vítimas da ditadura militar: um olhar sensível. *Colóquio – Revista Científica*, 2025.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *A análise do filme*. Tradução de Marcelo Félix. Lisboa: Texto & Grafia, 2004.
- AVELAR, L. M.; FERRAZ, L. F. Direito à memória e à verdade: desaparecimento forçado durante a ditadura militar. *Cadernos da Defensoria Pública do Estado de São Paulo*, v. 6, n. 28, p. 83-102, 2021.
- AZEVEDO, D. Q. F.; COSCRATO, N. M. Considerações sobre o sistema internacional de proteção dos direitos humanos contra o desaparecimento forçado e os obstáculos à sua implementação no Brasil. *Cadernos da Defensoria Pública do Estado de São Paulo*, v. 6, n. 28, p. 37-54, 2021.
- BOSS, Pauline. *Ambiguous loss: learning to live with unresolved grief*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- BOSS, Pauline. *Loss, trauma, and resilience: therapeutic work with ambiguous loss*. New York: W. W. Norton & Company, 2006.
- CARNEIRO, E. F. V.; MARINELLI, M. B. B.; PEDRO, S. C. O desaparecimento e o atendimento humanizado às primeiras vítimas conhecidas: os familiares. *Cadernos da Defensoria Pública do Estado de São Paulo*, v. 6, n. 28, p. 21-36, 2021.
- CARVALHO, M. A. P. de et al. Terapia Comunitária e sofrimento psíquico no sistema familiar: um enfoque baseado no novo paradigma da ciência. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 12, p. 6211–6221, dez. 2021.

COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. “Ainda? Essa é a palavra que mais dói”: consequências do desaparecimento de pessoas no Brasil. Brasília: CICV, 2021.

DUARTE, M. B.; LUIZ, W. C.; GLENS, M. V. Transformar a dor em luta: análise das entrevistas com Ivanise Esperidião e Vera Lúcia Ranú. *Cadernos da Defensoria Pública do Estado de São Paulo*, v. 6, n. 28, p. 177-214, 2021.

FICO, Carlos. Como eles agiam: os subterrâneos da Ditadura Militar — espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEGRAMANTE, Y. Y. D. S. et al. Um olhar sobre a saúde mental de familiares com entes desaparecidos: revisão de escopo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2025.

MINUCHIN, Salvador. Famílias: funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artmed, 1982.

NEUMANN, Marcelo Moreira. O desaparecimento de crianças e adolescentes: causas e consequências. 2010. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, M. A. S. et al. Papel paterno nas relações familiares: revisão integrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 2022.

REASE. A comunicação nos sistemas familiares. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 2024.

SALLES, Walter (dir.). Ainda Estou Aqui [filme]. Brasil: O2 Filmes, 2024.

SAVAGE, Patrick E. et al. Music as a coevolved system for social bonding. *Behavioral and Brain Sciences*, Cambridge, v. 44, e59, 2021.

SOUZA, C. P.; SOUZA, A. M. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, e35412, 2019.

TAVARES, I. M. V. T. A saúde mental paterna e a qualidade da coparentalidade em pais de crianças em idade pré-escolar: o papel mediador da autoeficácia parental. 2025. Dissertação (Mestrado) – Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2025.